

Terra:

memória, imagem e raízes da vida

NANCY ALESSIO MAGALHÃES

*Professora do NECOIM - CEAM/
PPGHIS/Universidade de Brasília*

“Não, nem sei explicar pra senhora o que é uma pessoa que não sabe o que é a terra. Não sei explicar.”

Antonio Travessini - Guarantã do Norte - MT

“Cada ser humano precisa ter múltiplas raízes.”

Simone Weil

“... ser supérfluo significa não pertencer ao mundo de forma alguma...”

Hannah Arendt

Depois de muitas conversas, encontros, experiências em projetos de pesquisa, de memória, cultura e educação; leituras de livros, artigos, teses, poesias, imagens; debates acalorados com diferentes pessoas, comecei a questionar a suficiência de categorias generalizantes para se interpretar as migrações para a Amazônia e o Centro-Oeste - particularmente Brasília - somente através da lógica do grande capital.

Passei, então, a experimentar, com a equipe que integro, múltiplos desafios e conquistas nas pesquisas com a imagem visual - neste caso a fotografia - e a história oral, ao admitir, pensar e fazer uma história para considerar e interpretar problemáticas geradas por memórias de camponeses e trabalhadores migrantes de Guarantã do Norte - MT e de Brasília, organizadas através de diferentes modos, referenciais e critérios, inclusive por nossas ativida-

des de pesquisa ao entrar em contacto com elas. Uma história perpassada pelos seus sentimentos, na tentativa de captar os sentidos e significados que eles atribuem à experiência vivida em busca do sonho, da terra sempre adia-da, para eles o reino da liberdade.

Migrar para reconstruir raízes através da terra, para fazerem frente ao processo de desenraizamento, ao contrário do que alguns estudiosos interpretam, algumas vezes, a respeito.

De início, sugerimos que narrassem por quê e como vieram para essas regiões; as alegrias, as tristezas, os sonhos; as lembranças mais marcantes, as esperanças, em relação à vida experimentada por eles, como moradores-construtores das histórias dessas localidades; o significado da terra, por que essa busca insistente pela terra, essa paixão pela terra. Devo ressaltar que esta pergunta – “por que essa paixão pela terra?” – tem um potencial de mobilizá-los a reflexões bastante singulares e reveladoras do tema da terra como patrimônio cultural e histórico. Ao propor sua formulação, inspirei-me nas ricas e desafiantes abordagens do Seminário *Os sentidos da paixão*, de cuja publicação ressalto, nas palavras de Novaes, o que considero um dos princípios fundamentais das pesquisas que venho desenvolvendo: “*Procuramos mostrar, enfim, que, ao reconhecermos as particularidades das paixões, tentamos abrir um espaço à invenção do saber, ou melhor, a novos saberes que correspondem às experiências afetivas*”.¹

Assim, nada impede que nós, historiadores, procuremos aprofundar aspectos e temas que emergem na reconstrução das relações presente-passado-futuro e que nos pareçam relevantes diante dos desafios de nossas experiências. Se alguns desses temas – como reforma agrária, propriedade da terra, lixo atômico – não são abordados nas fotografias e/ou em determinadas entrevistas, em função do interesse dos próprios entrevistados, por sua vez, essa disposição de falar sobre tais ou outros assuntos nos motiva também a considerá-los em nossas interpretações. E, deste modo, a fotografar detalhes ou fragmentos, que, aos poucos, num diálogo atento e paciente, conseguimos captar. As fotos, como as entrevistas, são registradas num processo interativo entre **diferentes sujeitos, nos e eles**, mas ambos construindo e reconstruindo interpretações de memórias e histórias.

Em suma, os entrevistados não têm obrigação de preencher lacunas, de estabelecer elos entre os fragmentos ou de corresponder a todas as aspirações de pesquisadores, por mais zelosos que sejam estes de seu ofício.

Portanto, não há demanda de pesquisa – por mais legítima que pareça ser – que justifique fazer uma devassa na vida de quem quer que seja. Caso contrário, pode se tornar uma experiência desastrosa.² Nessa direção, considero fundamentais as reflexões de Benjamin sobre as analogias entre os pares de relações opostas, que distinguem o mágico do cirurgião, assim como o pintor do cinegrafista, quanto à questão da proximidade-distanciamento. O mágico aproxima suas mãos do doente para curá-lo, mas preserva sua distância do mesmo, graças não só às mãos estendidas, mas à sua autoridade, que é o que faz aumentar essa distância. O cirurgião renuncia a se relacionar com o paciente, porque a distância entre os dois é mínima, já que tem que penetrar nos seus órgãos, e com cautela, o que o obriga a ampliar essa distância. O mesmo ocorre com o pintor e o cinegrafista. Este, como também quem fotografa, ao contrário do primeiro, pode penetrar através da câmera, de um aparelho, no âmago da experiência humana. Por isto, temos direito de exigir dessa arte, como de outras, um procedimento de penetrar nesse âmago livre da manipulação abusiva desses aparelhos, isto é, um distanciamento.³

O processo de criar modalidades de memória – personagens, acontecimentos, monumentos, objetos, narrativas orais, escritas, iconografia, entre outras – não é automático, conspiratório, nem inclui tradições harmoniosas. Envolve relações políticas em torno de projetos de sociedade.⁴ É também a partir de como se instituem relações entre o presente e o passado que são criadas condições para definições desses projetos. Espaços diferenciados, tempos relacionais e conflitantes devem ser captados pelo trabalho da memória, para que o imediato possa ser questionado, o presente possa ser alargado, com possibilidades de ser entendido.⁵

A historiografia tem um princípio construtivista nas teses de Benjamin: reconstrução da experiência para garantir uma memória e uma palavra comum, malgrado a desagregação e o esfacelamento do social, no chamado mundo da modernidade. A tradição tem que ser arrancada do conformismo; ela pode ser remanejada pelos poderosos. **Isto significa não perder de vista o enraizamento dos bens culturais numa sociedade de classes.**

“Escovar a história a contrapelo”, porque assim começa-se a enxergar entre os pelos. Lutar contra o espírito da época, antes que se unir a ele. E dialeticamente, acima de tudo deve-se ficar atento aos apelos, aos mistérios do passado, onde as *“... coisas espirituais não podem ser representadas como despojos*

*atribuídos ao vencedor. Elas se manifestam nessa luta sob a forma da confiança, da coragem, do humor, da astúcia, da firmeza, e agem de longe, do fundo dos tempos. Elas questionarão sempre cada vitória dos dominadores...”*⁶

Estas coisas espirituais fazem parte de uma tradição distinta de uma imagem continuísta do passado, do ponto de vista dos dominadores. Se há continuidade, então, na tradição dos oprimidos, é do que não se consumou, é do que não se redimiou. São dimensões de luta e de dignidade diante do enfrentamento e, por isso, não podem ser reduzidas a obras de arte ou do saber.⁷ Lembro aqui que um colega fotógrafo, que nos acompanhava em Guarantã do Norte (na época todos trabalhávamos na extinta Fundação Nacional *pro* Memória), não quis registrar as famílias à frente de suas casas, como desejavam os camponeses-migrantes (fotos n^{os} 1, 2 e 3), porque, segundo ele, isto era não era seu trabalho, mas próprio dos que fazem fotos para documentos ou por prestação de serviços. Ao contrário, considerou nos objetos e nos contextos das casas, que pedimos que fotografasse, uma possibilidade de trabalho artístico.



[Foto n.1]



[Foto n.2]



[Foto n.3]

A lembrança ou rememoração desempenha papel fundamental na reconstrução libertadora de tudo que poderia ter acontecido. Por isso, e impossível hierarquizar esta ou aquela obra ou qualquer linguagem. É preciso reconstruir tudo: não só o que foi dito e feito, mas também o que foi sonhado, o que foi desejado e ficou reprimido. Tem-se, então, em Benjamin, a lembrança como figura-chave da desmistificação da modernidade, cuja tragédia é o seqüestro da experiência e da memória, a perda da aura, da tradição. Através do chamado do presente, o fundamental não é descrever esse passado armazenado com o seu fluxo, mas investigar, por meio das correspondências de imagens, como e onde esse passado ainda é apoderado pelo nosso presente, nas fotos e nas oralidades, na experiência aqui considerada Assim, a perspectiva de um tempo aberto e pleno é que possibilita estabelecer uma relação com o passado através da rememoração. Os sinais dessa leitura relampejam, são difíceis de captar, têm um índice de mistério, sua compreensão requer presença de espírito.

Há possibilidades de reconstrução da experiência, a partir de ruínas, de escombros. A tradição é um processo que vive enquanto é continuamente reapropriado e reconstruído. Sua eferescência vital, a transmissão de bens culturais de geração a geração, não pode ser extinta. Mas ela pode ser perdida, ao ser remanejada pelos poderosos, ou desaparecer, se os seres humanos restarem condenados à amnésia e o passado se mantiver inibido de possibilidade de redenção.

Como se misturam nas recordações aspectos sociais e pessoais, o que aflora nessa articulação, o que importa, não é a chamada parte objetiva, mas a dimensão social da memória. E aí entra a questão fundamental da linguagem como elemento socializador da memória. A dimensão de luta fundamental, então, o espaço de criação dessas diversas linguagens, como elementos que possibilitem aos dominados não serem apenas isso, mas se transformarem em sujeitos na cena histórica visual e escrita. Por sua importância crucial, não se trata de uma doação, porém da conquista de múltiplos direitos: entre eles, à terra, à educação, à palavra, à imagem visual, à memória, à história. É uma luta que inclui diferentes, nós e eles, que se reconhecem como conteúdos de uma mesma humanidade.

Para dar corpo a essa aspiração e proposta, temos exercitado, metodologicamente, entre outras, a oralidade e a imagem fotográfica na história obtida pelo diálogo entre pesquisadores e demais produtores de cultura

e história⁸. Também como possibilidade de questionamento aos parâmetros rígidos do conhecimento científico e da necessidade de “... *uma democratização de temas, uma democratização de sujeitos a serem estudados, e uma democratização e multiplicação de formas de conhecer*”.⁹

Nessa perspectiva, entrevistas e fotografias não são concebidas como consagrados, repetidores do existente; são instituintes de significados, de sentidos da história, de temporalidades. E, desta forma, trato, portanto, de perseguir a tarefa de lutar para restituir a ambos a condição de **relatos**, expressões da experiência humana de sujeitos que agem na luta pela construção de direitos, pela manutenção e transformação, de pontos de referência para si e para serem transmitidos a outras gerações. Segundo Benjamin, como expressões da experiência humana, não são redutíveis à sua relação com as condições materiais em que surgem. Há excesso de significação sobre os significados explícitos em qualquer obra de pensamento. Sempre há algo irredutível que pode vir à luz na posteridade, quando seus herdeiros também participam, assim, da obra.¹⁰

Por outro lado, deve ser frisado que, na memória e na história, Benjamin inclui lembrar e esquecer, revelar e ocultar. Se, atentos a isto, formos buscar o significado de revelação, qual seja, o processo, de tornar visível uma imagem latente, podemos sustentar que a palavra, o objeto, a imagem fotográfica, o texto, enfim, **velam e revelam**. Através de uma investigação minuciosa podemos reconstruir **narrativas**, quando consideramos que esses suportes envolvem referências de práticas sociais e de produção de memórias de diferentes grupos, onde há disputas e relações de poder. É nesta perspectiva que ressaltamos que a memória garante a capacidade de projeção, a diferença, o sonho, a temporalidade, como dimensão central de identidades múltiplas e sempre em elaboração. Sua importância varia na medida das dimensões que são destacadas por diversos sujeitos, na criação de diferentes projetos políticos, na conquista de direitos.

Então, correspondências, associações entre passado, presente e futuro podem ser evocadas a partir de imagens e narrações de camponeses-migrantes de Guarantã do Norte - MT e de trabalhadores construtores de Brasília-DF - sujeitos de nossa pesquisa -, ao instituímos com eles memórias, poderes, sentidos da História, numa urdidura de fragmentos, numa alteração em nossa experiência social e na do outro, a partir de tramas narrativas que se constroem na interação de pesquisados com a pesquisadora, de nossos princípios, abordagens, concepções e crenças com as deles.

Há uma interrupção no tempo e no espaço; o passado é recriado a partir do presente, tanto no momento das entrevistas, das fotos, como na transcrição das falas para o documento escrito. Há uma reinvenção, mas também há rigor no conhecimento em processo e um compromisso ético com os narradores: são respeitados limites, quanto ao que deve ou não ser registrado e para não desvirtuar suas narrativas, para que eles possam aí se reconhecer. Essa experiência de reconhecimento provocou alguns impactos densamente singulares.

Para muitos deles, tratava-se da primeira vez que conseguiam ser fotografados - tanto eles próprios, como seus objetos, o interior de suas casas, atividades de trabalho e lazer-, como também era a primeira vez que suas histórias passavam a fazer parte da História. Isto contribui para tornar ainda mais explícitos os documentos fotográficos, escritos, entre outros, como direito à memória, à História. Assim como para indicar que esse direito se vincula a um espectro de inclusão / exclusão social. Fazer História, assim, transforma-se num processo de interpretação de temporalidades e identidades, que se criam e se recriam num espaço de poderes em cena, inclusive nos interditos ao próprio registro enquanto tal. Portanto, há uma transformação da memória quando ela é fixada em algum suporte. Torna-se mais evidente sua dimensão de poder, no caso quando se constrói uma documentação, sejam elas escritas, visuais ou sonoras.

Quando eu realizava a pesquisa que resultou em minha tese de Doutorado, fotografei em Brasília vários ipês, árvores que florescem na época da seca, nessa cidade onde resido. Experimentei, então, duas respostas opostas a este meu ato, por isso mesmo significativas. Um amigo que trabalhava numa agência bancária, próxima a uma das árvores por mim registrada, quando me reconheceu, confessou-me que havia considerado muito estranho, excêntrico mesmo, aquele ato, sem sentido para ele, que ele jamais faria. Ao contrário, reagiu Sr. Ernesto - como meu amigo, também migrante de área com predominância de atividades rurais - vigilante do estacionamento do prédio onde funciona o Ministério da Educação. Começou a conversar comigo, sobre o que eu fazia e contou-me varias histórias sobre os paus d'arco, nome do ipê na região onde nasceu, na Bahia. Fotografei-o e, posteriormente, entreguei-lhe uma cópia dessas fotos, também aqui incluídas. Nelas, pode-se perceber o orgulho em ser fotografado, maior porque junto a referências

passadas, presentes e recriadas na sua memória, apesar de toda sua experiência de migração, e de vida numa cidade grande, mais urbanizada que a sua de origem (fotos n^os 4 e 5).



[Foto n.s 4 e 5]

Um outro interdito enfrentado, nesta pesquisa, diz respeito a uma certa visão fatalista do mundo e a uma concepção conformista, para não dizer atrasada, que muitas vezes se atribuiu aos camponeses, entre outros. Por diversas vezes, alguns pesquisadores as tomavam como dadas, como pressupostos para argumentarem que eu não conseguiria nada de novo, ao tentar entender, por dentro de suas concepções de memória e História, o que significava a terra para esses migrantes com os quais trabalho.

Sr. Arcelino¹¹, nascido no Rio Grande do Sul, em Guarantã do Norte (MT) - na época com 73 anos, hoje já falecido- aponta-nos outras mediações que parecem comprovar que o interdito depende do viés com o qual você olha e vê através dele. Assim nos falou ele sobre esse tema:

“Como falemo já hoje, a respeito do rosário, o Menino Jesus foi ordenado pelo

Anjo pra avisar à Maria – anunciar – que ela ia ganhar esse filho pra salvar o mundo. E ficou a ordena do rosário, que foi ordenado por ela e por ele. E esse rosário, achavam difícil como é que ia ficar.

Das lágrimas de Santa Maria nasceu um capim e esse capim deu uma frutinha e essa frutinha que foi feito o rosário. E essa cruz, que Jesus foi crucificado, então ficou a cruzinha no rosário pra (a) provar como é que o mundo tá sendo atendido pra ser salvo. Já há muitos anos que o povo vem rezando com o rosário, defendendo muitas espécie de mal que já ameaçou e outros vieram, mas foi escapado. E esse rosário, e essa santinha, uma vez que tem no rosário, nunca nós devemos de abandonar! Nós devemos de usar! Que aqui nós usemo. A santinha vem de casa em casa pra que nós rezemo o rosário. E tem aqueles que não acreditavam, não vêm, não assistem. Então aqueles, eles estão fora, aqueles estão a perigo pra alguma coisa.

E nos países europeu, esse é um assunto que tem países que não aceita, não tem criança a mesma coisa como aqui, estimado. As mães estimando os filho. Essas lágrima de Santa Maria que a Santa Maria abençoa as crianças pra continuar o mundo. Então, ela (a) prova tudo. O dia 12 de outubro, a Nossa Senhora Aparecida é a nossa Santa Maria, que ela foi ordenada pro nosso país, ser a dona, governar! Então, esse dia as criança tão junto com ela. E as criança pra nós, pra estimação, elas são a chave do mundo!

Porque Santa Maria deu essa ordem. E ela continua estimando Jesus, que tá perto com ela lá no céu. Mas eles tão olhando pra terra, tão enxergando o que é que acontece.

É, a alimentação sai da terra, a alimentação sai da terra. E as criança têm que ser dominada por nós, os grande. Nós temos que ocupar a terra, se virar, que é apresentar... A gente tem que apresentar alimentação pras criança, tem que ter pra eles. E tem que sair da nossa mão, e a nossa mão tem que mexer com a terra pra alimentar as criança.”

Ele sugere que a vida levaria os adultos a servirem às crianças, apresentando-lhes o que obtêm quando trabalham a terra com as mãos para alimentá-las. Há, segundo ele, a necessidade de se acreditar naqueles que estão ordenados para cuidar do mundo: como a Santa Maria, que derramou suas lágrimas de mãe, que se transformaram em capim, o qual deu frutinhas, das quais é feito o rosário, que assim foi ordenado para as mães não esquecerem de ter amor aos filhos. O caráter sagrado da autoridade tanto de pai e mãe, nessa

concepção, é garantido por seres divinos – Jesus e Maria –, mediadores de elementos da natureza, formadores das relações familiares. Que reflexões podem se abrir a partir dessas questões?

Elas se aproximam, entre outros, dos filósofos frankfurtianos,¹² para quem, a crise da família é de origem social; não é possível negá-la ou liquidá-la como simples sintoma de degeneração ou decadência. Nas sociedades industriais avançadas, parece estar sendo possível a concretização do que rigorosa teoria liberal havia concebido: a transformação de todos em átomos sociais. A crise da família não é a abdicação da autoridade como tal; o problema é que esta se torna cada vez mais abstrata, por isso implacável e desumana, como indica Sr. Arcelino. A família não é mais combatida, mas posta de lado, esquecida. O que mutila os indivíduos e impede a individuação não é a proibição familiar, mas a indiferença e a frieza.

Ao contrário, o olhar, ao mesmo tempo comovido e distanciado, é o olhar do memorioso, que se aproxima, roça e penetra os materiais da cultura, mas sem fazê-los perder sua intimidade, a atmosfera que os impregna, que toma esses materiais em sua distinção. Não são olhares insolentes, consumistas, das coisas intercambiáveis, reduzidas às mercadorias. É o olhar respeitoso e atento ao mais próximo como se viesse de longe, para descobrir mistérios, mensagens soterradas.¹³

Qualquer linguagem em nossa proposta de interpretação é encarada como modo de expressar e criar o mundo. A imagem fotográfica, a oral, a literária entre outras, não são simulacros sem vida, não congelam momentos do passado, enquanto tais. Instituem significados que podem ser reconstruídos em seus excessos de significação, a qualquer momento, como um legado em aberto. Na perspectiva benjaminiana, há possibilidades de se recuperar para a imagem seu tônus de conhecimento. O pensamento por imagens também é via para significação, pois vincula entre si afinidades que não podem ser captadas pelo pensamento conceitual.

Pessanha,¹⁴ em suas reflexões sobre Bachelard e Monet, acentua que o primeiro rebela-se contra a tradição que menospreza a imaginação. Para ele, as imagens não podem ser reduzidas apenas às metáforas escamoteadoras de embates interpessoais, sociais, familiares, como passiva reprodução de objetos chamados reais, com significados fora delas mesmas; tão pouco são trampolins entre o sensível e o inteligível, cópia do real, casulo do conceitual. Por isso, traz à tona a valorização da mão, a pintura – tomando Monet no

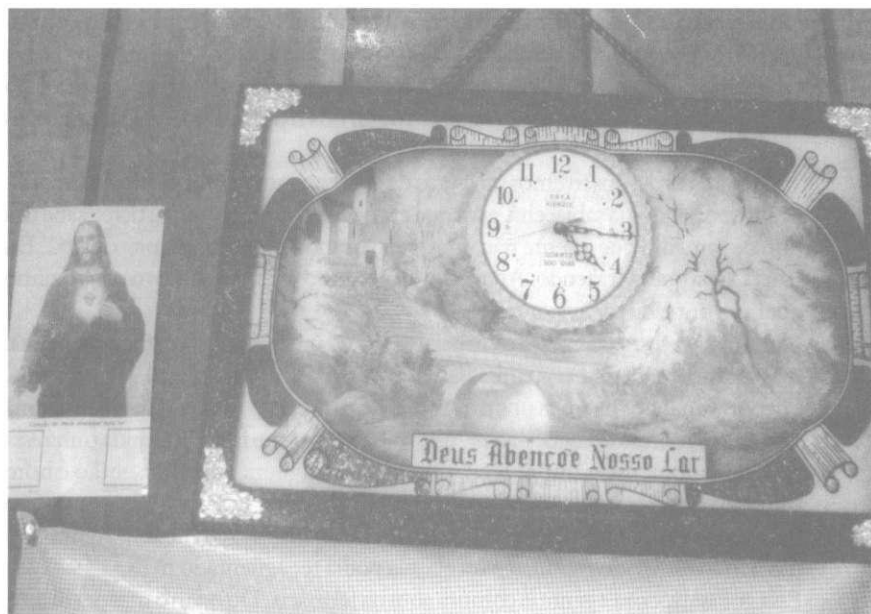
caso como exemplar – no papel de metáfora apropriada do corpo operante, da transubstanciação, do empréstimo do corpo ao mundo, pela transformação deste em pintura, um entrelaçado de visão e movimento. Formam-se, assim, imagens que ultrapassam a experiência, irredutíveis, com excesso de significação, diria Benjamin.

Também em Benjamin, percebo proximidades dessas mãos e desses olhos operantes, nas suas reflexões sobre o narrador, que deixa marcas de sua experiência na narrativa, assim como a mão do oleiro sulca a matéria da argila do vaso.¹⁵ Narradores tem mãos, olhos e poderes operantes, são pensadores.¹⁶

Como não lembrar aqui Sr. Arcelino, quando fala na necessidade de trabalhar a terra com as mãos, apresentar alimentação para as crianças e, assim, estabelecer um domínio, um poder? Na gravação de sua entrevista em vídeo, ele praticamente se auto-dirigiu, ao transmitir sua concepção do caráter sagrado da terra e do amor materno, para ele fundamentais na manutenção e reprodução da espécie humana. Assim, buscamos materializar essa concepção também nas fotos que foram registradas em outras moradas de camponeses-migrantes (fotos n^{os} 6 e 7). Através da terra, renasce a vida e, com ela pode-se alimentar as crianças, a chave do mundo. Não se pode desfazer da terra, porque em cima dela se vive, tem o que se comer.



[Foto n. 6]



[Foto n. 7]

Na cidade, vai arrancar comida de onde? Por isso, tem que se pensar bem antes de vender a terra. Tem que dar um valor tão grande à terra, que é um mistério da vida, que não dá nem para imaginar. Mesmo que ela tenha um preço, a terra nunca é bem paga, pelo que pode oferecer para todos nós. Porque também a cidade não vive sem o trabalho do lavrador, ressalta D. Ida:

“Foi uma grande alegria pra nós. Quando eles deram a notícia que nós podia ficar em cima da terra e quando nós conseguimos poder ter uma escolinha pras criança. E depois, o padre começou a visitar nós, as primeira missa aqui foi rezada debaixo do mato, mesmo, só limpando um pedacinho, ali debaixo do mato... Porque gente pobre, que nem nós sempre fomo, com uma tropa de filhos dessa ir morar na cidade, só dava moleque da rua. Eu já sendo sofrida na roça e botei eles para trabalhar, porque na cidade eles precisam do lavrador, não é? Se o lavrador não trabalha para vender as coisas para eles, eles também não vive.

Muito remédio desses a gente aprendeu em casa com a minha mãe, mesmo. Os remédio caseiro que – desde que eu me conheço de pequena – nós usava

muito em casa. Então, aqui – mode que a camomila já é amarga, a quina é bom pra febre –, então nós arrumava a quina e o pau pra tudo e a camomila pra tratar da malária e de fato curemo algum com malária, esse remédio... Esse pau pra tudo e a quina nós trouxemos do Paraná, lá do sul, nós trouxemos as cascas e fizemos aqui.

Aqui, esses dia nós tivemos um curso de erva com um raizeiro ali no Guarantã... Muitas coisas nós já sabia: chá, erva que era bom. Cada um que participa sabe um tipo de remédio que a gente não sabe, vai passando e ensinando pro outro... É a Irmã Dalva que tá trazendo. Aquilo foi escrito tudo pra fazer de novo o livrozinho e dar um pra cada participante.

Então, eu comecei a fazer esses parto pra ajudar o pessoal, dar uma ajudazinha, mas sempre foi bem. Eu já tinha feito um curso de parteira no sul, lá no Paraná, e depois, aqui, nós fizemos uns três cursos de parteira de novo... Cheguei lá, uma vez, estava na hora do nenê nascer, não tinha mais o que fazer. Eu ainda tinha essa gota salvadora, que sempre levo, quando tem alguém com dor, então é bom tomar isso aí três vezes por dia para evitar o aborto... E de fato, eu estava lá na hora, era uma menina, ela ainda viveu uma hora, mas de seis meses... Agora, se o médico tivesse dado repouso para ela, ela podia ter agüentado mais. Essa gota salvadora a gente já compra aqui na farmácia. Do quarto mês em diante, se a mulher sente uma dor de cadeira, uma dor, assim às vezes, ela toma e evita o aborto. Daí, então, eu ensino isso aí para as mulheres que tem aí... E tudo acha que faz bem para ela.

No primeiro tempo, quando tinha o doutor lá, na COTREL, daí eu levei uma mulher até ele. Ele falou: 'Olha, a mulher que você não der conta você traz aqui e eu te ajudo em alguma coisa'; me deu a luva, me deu lâ, me deu uns comprimidos... Álcool e tudo desinfetante, ele me arrumou também. E permitiu que eu podia usar essa injeção, para quando estiver na hora do nenê nascer, precisa de vim as dores, se vim, já sabe: aplica a injeção que o nenê nasce, mais do que uma não! Se precisar fazer duas, já tem que levar para o médico.

Muitas vezes, eles não sabem o chá, não conhecem a erva. Mas eu me criei em casa com minha mãe, pequena, eu sei que a maioria das coisas em casa é um remédio, que nem nós tínhamos: camomila, o hortelã... Tem a arruda, tem o boldo. Isso, toda vida tenho em casa. Então, qualquer coisa a gente era acostumado com o chá. Então, eu vim mais comprar as coisas na farmácia aqui, porque a gente aqui não encontra tudo quanto que é chá. Agora, nós começamos de novo com esses livros de erva e chá. Tenho três livros só de ervas."

A terra, então, é a plenitude, é o que há de melhor, de mais fundamental para a geração e o sustento da vida, é a própria vida. Sem ela, nenhum ser

vivo pode viver, é sagrada, é um direito de todos, diz José Baiano. Direito que está interdito por uma “lesma paralítica”, fina imagem de crítica perspicaz à reforma agrária proposta pelo governo:

“Olha, a terra pra mim representa tudo em minha vida, porque sem a terra é impossível qualquer um ser humano viver. Não só o ser humano, mas todos seres, todos os seres vivos da face da terra, ninguém sobrevive sem a terra... Então, por ela ser dom de Deus e ela ser feita pra todos, é por isso que existe essa paixão de todos nós, de todo mundo que você vê por aí, em busca dessa terra. Porque essa terra, nós quando ganha uma terra... Ganha não! Passei, então, a experimentar, com a equipe que integro, múltiplos desafios e conquistas nas pesquisas com a imagem e a história oral, ao admitir, pensar e fazer uma história para considerar e interpretar problemáticas geradas por memórias de camponeses e trabalhadores. Nós quando recebe, porque a terra é nossa! Então, só falta todos nós receber! Então, nós quando recebe essa terra, então nós somos sendo liberto, da escravidão, da unha daqueles que já têm terra!”

Olha, esse problema da reforma agrária, atualmente, ela quase, ela só foi só no papel! Ela, essa reforma agrária aí, ela vem andando que nem lesma paralítica. E no dia que ele recebe um pedaço de terra, que nem eu tenho aqui hoje, ele torna-se liberto. Porque, aí, ele não tem aquela preocupação de hoje, dele tá aqui hoje, que nem nós já estamos aqui, que nem eu estou aqui hoje, e amanhã pensando pra onde eu vou. Eu tenho uma morada fixa, eu tenho um chão firme pra mim pisar!

Eu tenho um chão aonde eu sei que ali eu posso trabalhar! Então, é por isso que é o desejo de todo mundo é ter esse pedaço de chão pra trabalhar, pra cultivar para ali produzir e cuidar de seus filhos, da sua família!”

É preciso ressaltar que, dentre os que entrevistamos em Guarantã do Norte - MT, José Baiano foi o único que tomou a iniciativa de nos mostrar uma foto (nº 8), que ele guarda como lembrança marcante da época (1981) em que a sua e outras famílias chegaram a essa região. Usaram fogo para desmatar e quase perderam tudo, porque foi muito difícil controlá-lo. Para ele essa foto representa, ao mesmo tempo, tanto a epopéia dessas famílias para chegar a essa terra, como também a memória dos limites necessários no uso do fogo, contra uma indiscriminada destruição da natureza, que leva à destruição da própria vida.



[Foto n. 8]

Por meio desses vestígios intemporais da cultura, que ainda são patrimônio desses sujeitos¹⁷, marcas de memórias e histórias registradas nos suportes de suas falas, gestos, de seu próprio corpo e objetos, também se tornam presentes em outra cena de marcas e poderes na História, através de fotografias, fitas de áudio e de vídeo, de textos, entre outros. Interpretados também como lutas de homens e mulheres, verificamos que o futuro poderá ser perdido para os que virão, se a terra não for considerada como patrimônio cultural e histórico de todos, como dimensão complexa de interação natureza-cultura. Condição esta que assume caráter contestatório no mundo neoliberal, onde tudo é mercado, e mesmo em políticas ambientalistas abstratas, que desconsideram diferenciais de interesses, de projetos, de poderes em conflito.

Para esses sujeitos, a terra é um mistério, é sagrada, vai além da mera sobrevivência. Nela se nasce e se tem um lugar; aprende-se a acolher os que nascem pela experiência do parto; edifica-se a morada, uma escola, uma capela para rezar; não só ela própria oferece árvores nativas com poderes

curativos, como também nela aprende-se a cultivar plantas medicinais, além de outros alimentos; criam-se animais, tudo aquilo que praticamente garante o sustento da família e que pode ensejar encontros e dias rituais de rememoração. Isto é, a terra enraíza, é ponto de retorno. Cultivá-la provê a subsistência, mas também a prepara para a construção do mundo, obtido por obra dos seres humanos.¹⁸

Esta temática, ponto forte nos trabalhos, nas falas destes sujeitos-migrantes e também de Arendt, já se anuncia em Simone Weil. *“O enraizamento é talvez a necessidade mais importante e mais desconhecida da alma humana. É uma das mais difíceis de definir. O ser humano tem uma raiz por sua participação real, ativa e natural na existência de uma coletividade que conserva vivos certos tesouros do passado e certos pressentimentos do futuro. Participação natural, isto é, que vem automaticamente do lugar, do nascimento, da profissão, do ambiente. Cada ser humano precisa ter múltiplas raízes. Precisa receber quase que a totalidade de sua vida moral, intelectual, espiritual, por intermédio dos meios de que faz parte naturalmente... As importações exteriores só devem alimentar depois de serem digeridas...”*¹⁹

Contra o dezenraizamento, Sr. Cabeça (Antônio Amâncio Filho) operário, aposentado e agricultor²⁰ conversa com as plantas em Brasília. Nasceu na Paraíba, teve experiência na construção civil no Rio de Janeiro e na construção da nova capital federal. Hoje é um dos que plantam roça numa área de preservação ambiental (área de tutela, onde não se pode edificar), da Vila Planalto, entre o Palácio da Alvorada e o Palácio do Planalto. Afirma ele *“... A roça é o meu segredo... É benção de Deus na minha vida!... Quando chega, assim, novembro, dezembro isso aqui é mais lindo do que se pode imaginar. Porque tem tudo em que você pensar em coisas verdes: que a gente come milho, feijão, mandioca, tudo é bonito demais! Aqui, quando eu estou trabalhando, eu tô livre de qualquer tipo de pensamentos traiçoeiros ou maldosos e tô vendo as coisas crescer! A gente conversa com a planta! Tudo que você vai fazer, você tem que falar pra planta, que ela tem que crescer, produzir, porque é parte sua. É como se você estivesse ensinando um menino a viver!... Quando menino, eu vi meu pai fazendo, aprendi um pouco com ele.”*

Desde 1978, ele cultiva a chácara em seu dia-a-dia de trabalho e lazer, mesmo que sua aposentadoria não lhe permita investir na terra que ocupou na Vila Planalto, bairro tombado em 1988 como histórico, através de processos de luta de seus moradores, remanescentes de acampamentos das empresas construtoras de Brasília.

Nesse sentido, não só em suas oralidades, nos fragmentos transcritos,

mas também nas várias fotografias aqui consideradas, podemos captar como esses sujeitos interpretam relações entre natureza e cultura. Os saberes produzidos, aprendidos, transmitidos de geração a geração – entre outros, ajudar no parto; usar plantas para prevenção e cura de doenças, fogão a lenha, diversas alternativas para criação de animais e trato da terra, adubação e plantio – não ficam imunes ao desgaste da própria natureza, diante de um processo no qual seres humanos visem a explorá-la e exauri-la, sem considerar seus limites como reserva vital de energia. D. Ida acentua a importância do registro de saberes e de sua reelaboração através do livro de ervas, assim como sente necessidade de acesso a outros saberes, que ampliem, sem desqualificar, os seus. Na luta pela terra, critica uma situação de insegurança forçada, vivida por eles, que pode levá-los a ficar novamente sem referências, a sentirem-se perdidos, isto é, podem esvaziar de sentido suas vidas, seu trabalho, logo quando eles pareciam ter encontrado um lugar de sossego, de onde voluntariamente não desejam sair.

A esperança da terra é que recoloca, assim, a idéia de enraizamento, de passado-presente-futuro deles e de outras gerações, e parece ser a sua própria possibilidade, já que é vida. Assim, estes sujeitos parecem compensar ou mesmo tentar superar a perda, as ameaças de desorientação frente a uns mundos capitalistas, que os obriga a migrar, mas não consegue desestruturar todo seu universo cultural. O apego a terra parece situar-se no desejo de manter a sua vida e da sua família numa lógica que não a do trabalho regulado como mercadoria, encarado como fonte de maior empobrecimento e opressão. Por isso, rejeitam a situação de trabalhar só como empregado; lançam mão desse recurso apenas quando não conseguem sobreviver com o que dá o sítio. É neste sentido que não conseguem imaginar suas vidas sem o trabalho na terra, assim como ser dono da terra, ter sua propriedade é a única forma de garantir um presente e futuro dignos para si e para a família.

As palavras de Bosi reforçam esta marca de dignidade do lugar, do trabalho com a terra:

“...Essa esperançosa vivência do mundo não é possível nas sociedades capitalistas. O capitalismo avançado consome e desagrega valores conquistados pela práxis coletiva. Não é capaz de inserir o passado no presente e muito menos de resguardar sonhos para o futuro. Esvaziando o trabalho de significação humana, ele esvazia o sentido das lembranças e das aspirações”.²¹

“... *Essa esperançosa vivência do mundo*” existe como força crítica contra as regras de sociabilidade dominantes no capitalismo. Ao captar estas nuances e sutilezas, de certo modo, podemos aproximar a existência destas marcas como uma tentativa de luta desses homens e mulheres contra o esquecimento do presente, da experiência do indivíduo e da cultura, dos valores, significados a ela associados como autonomia da vontade, da liberdade, da dignidade que não tem preço.

Daí, a profundidade das lições que nos ensinam, entre outros, Sr. Ernesto, Sr. Arcelino, D. Ida, José Baiano e Sr. Cabeça. Pensar nesse legado - marcas na terra e da terra - significa pensar em agir por todos, na necessidade de transmitirmos referências básicas, para que todos tenham um lugar digno, reconhecido e garantido entre os seres humanos; sejam pessoas,²² e não moleques de rua, segundo D. Ida. É diante de teorias reducionistas de tudo ao circuito do capital, devorador de sentimentos próprios de projetos humanos, que Thompson acentua a necessidade de se recuperar a discussão de fins, de se retomar a consideração e compreensão dos valores como vividos na experiência, na cultura, materializada como normas, expectativas necessárias e aprendidas na família, no trabalho, na comunidade imediata, sem os quais, a vida social não seria possível e nem mantida. Em decorrência, não tem cabimento a noção de responsabilidade como ilusão humanista nociva, muito menos a família e a escola serem reduzidas à exclusiva função de repressão.²³

Ambientados culturalmente num contexto de extrema adversidade, camponeses - migrantes de Guarantã do Norte e trabalhadores de Brasília, de modo mais ou menos explícito, querem preservar para a família um espaço de educação como formação cultural.²⁴ D. Ida desenvolve toda uma farmacopéia, que tem as marcas de sua mãe, de sua própria autoria, da natureza, tentativa de tratamento e de contornar sofrimentos sem despesa; mas também de uma certa autonomia e horizontalidade na sua interação com os saberes e poderes do médico, entre outros, embora não isenta de tensões e conflitos. Assim, eles, ao seu modo, identificam na terra e na família espaços sagrados, ambientais, sociais e éticos, nos quais crescem seres humanos, que criam e transmitem saberes e que não são apenas produtores ou força de trabalho para o mercado.²⁵ Daí, a terra, como ponto de retorno, de referências básicas, ser um patrimônio cultural e histórico, do qual eles não podem prescindir, senão se sentem perdidos, sem rumo, sob uma ameaça de barbárie, porque o chão é sagrado, é fonte inesgotável de vida, nele se nasce e renasce.

O trabalho com a terra dá substância a uma postura polivalente, institui totalidades como pessoa, o que de certo modo impede seu retalhamento, com possibilidades de simultâneo poder de resistência-submissão à atomização imposta pela sociedade industrial capitalista, mais aguda ainda no chamado neoliberalismo contemporâneo. Como diz Williams “... *A vida do campo e da cidade é móvel e presente: move-se ao longo do tempo, através da história de uma família e um povo; move-se em sentimentos e idéias através de uma rede de relacionamentos e decisões*”²⁶.

Essas possibilidades podem ser veladas e *des-veladas* na identidade indissolúvel entre terra e vida, entre terra e liberdade (foto n^o9), valores tão essenciais como “... *o interesse verdadeiro pelo outro, a maneira direta de falar, o sentido do concreto e a largueza em relação ao futuro, uma confiante adesão à humanidade que virá...*”²⁷



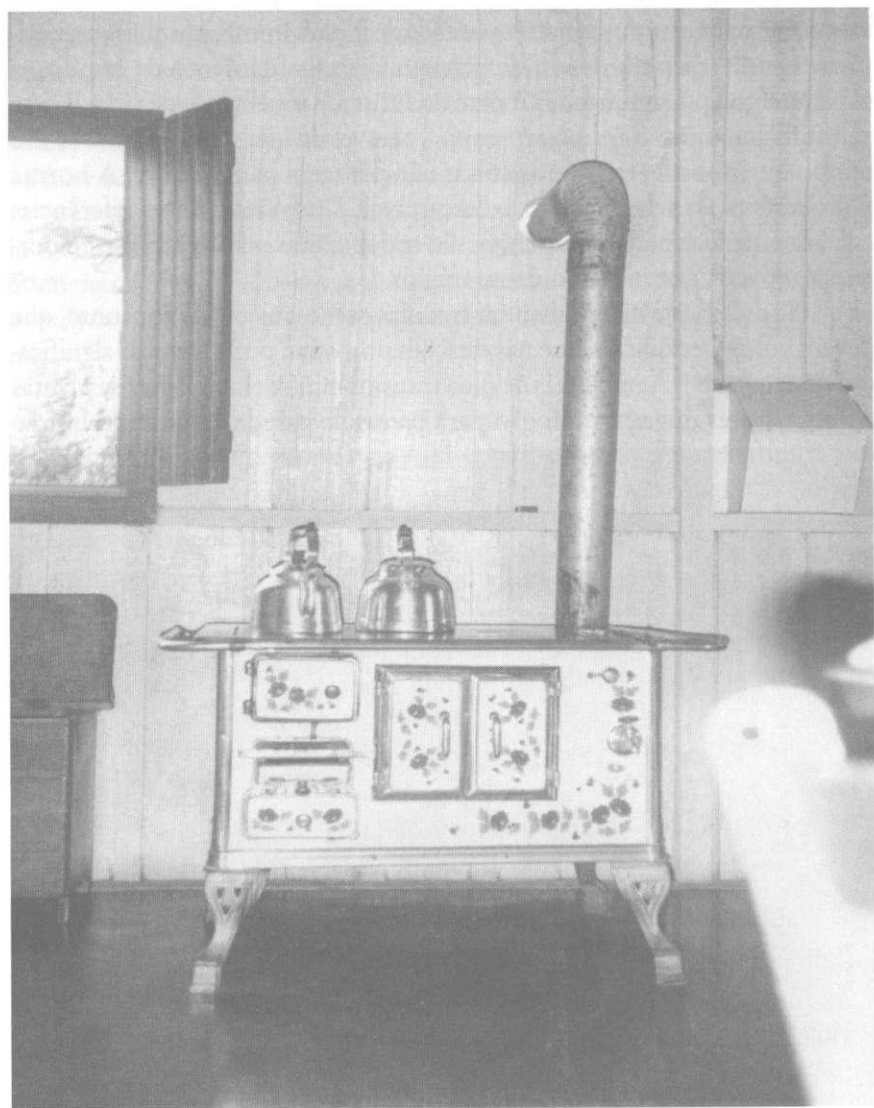
[Foto n. 9]

Nessas concepções desses migrantes, entrelaçam-se passado, presente e futuro: de fragmentos da experiência anterior, arrancam-se lembranças, reminiscências que impulsionam a vontade de ir para frente, porque o esquecimento pode apagar o desejo de evitar o desmembramento da família, o subemprego, que significam a morte do futuro, a inutilidade da vida. Existe aí, implícita, uma “*resignação esperançosa*”, através da qual experimenta-se um tempo que retorna, em que as coisas não parecem para sempre. A norma não é a inovação pela inovação, o descartável. Tradições são suas referências culturais que permanecem, porque são reelaboradas, não desaparecem porque se movem, encontram outros refúgios.

Há coisas que não podem ser tratadas como objetos de consumo, que devem voltar periodicamente nas estações propícias, portadoras da significação que renasce.²⁸ Assim, latas de óleo transmutam-se em viveiros de plantas e flores; flores migram do fogão para panos de parede; panos são bordados com figuras de onça e servem de suporte aos objetos básicos de uso diário, conteúdo das fotos (n^{os} 10, 11 e 12) aqui também interpretadas.



[Foto n. 10]



[Foto n. 11]



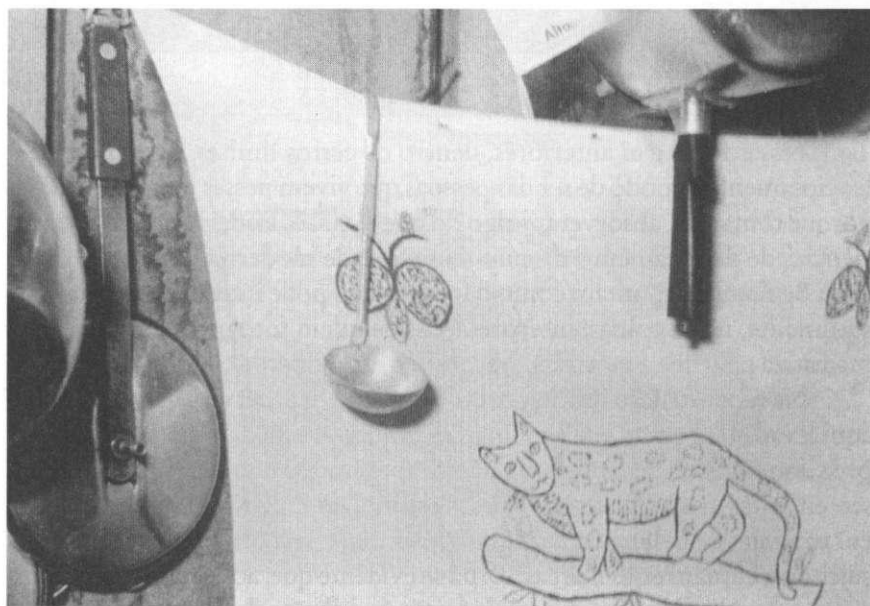
[Foto n. 12]

Todas essas fotos e as anteriores, dentro de certos limites, comunicam silenciosamente o modo de ser das pessoas que vivem nesses tempos-espacos, porque tomaram, absorveram algo do que elas são. Poderiam sugerir experiências de deslocamento da aura na sociedade moderna, conforme acentuou Benjamin. Apontam como o fotografado pode interferir, mesmo que sutilmente, nas escolhas, interpretações de quem fotografa, cujo poder se mediatiza pelo que é mostrado, escondido e/ou interdito.

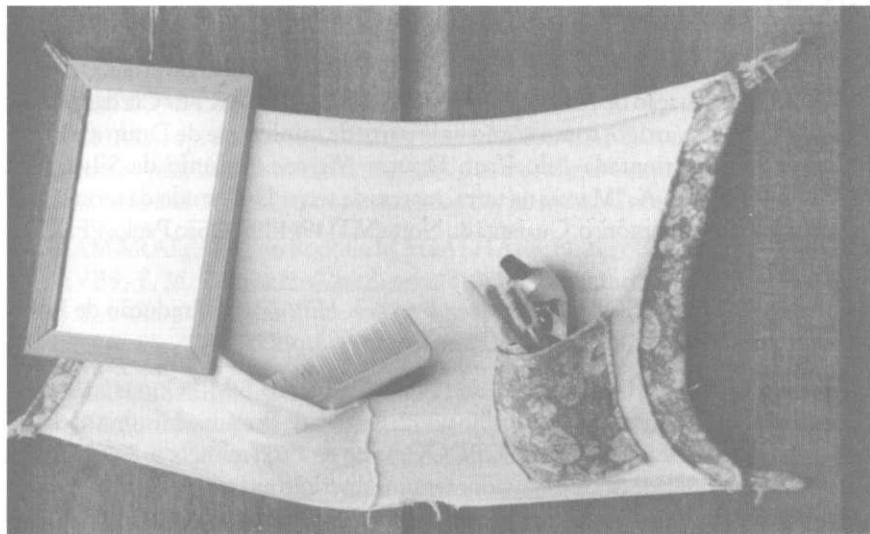
Na reconstrução da memória de cada um, nas narrativas e fotografias aqui levadas em conta, surgem marcas fundas – recuada a um passado mais próximo ou mais distante - que não se apagaram e não se apagam, porque são envoltas em sentimentos que os estimulam a prosseguir, na luta pelo enraizamento e pela terra, para que o futuro não seja perdido. Quando esses sujeitos acentuam essas marcas, torna-se evidente que, ao seu modo, cada um sugere que elas não são impressões, isto é, reflexos de objetos exteriores. Resultam de encontros em direções oblíquas, de representações, elaboradas

individualmente, com as que vêm do social,²⁹ ou de outras pessoas com as quais convivem, ou conviveram; ou, ainda, com quem virtualmente se sentem próximos, por identificarem fundamentos de experiências comuns.

É assim que, ao instituímos memórias e História, no processo da pesquisa por mim considerado, através de falas e fotografias, estes migrantes, trabalhadores de Guarantã do Norte e de Brasília, demonstram que preservam poderes, que há um sentido profundo nos valores que permeiam a sua vinculação com a terra, com a natureza, mesmo nas cidades,³⁰ que não se perderam nem foram negados, diante da velocidade das mudanças impostas por um sistema voltado exclusivamente para o lucro, para a riqueza e para outras formas existentes de poder. Nos fragmentos de suas memórias, nos rastros de suas vozes, das fotografias, estão tempos instantâneos, múltiplos, de lembranças e esquecimentos, saturados de *agoras* da reconhecibilidade³¹, impossíveis de serem sistematizados de modo cronológico, mas que assim abrem possibilidades à pesquisa histórica, de um legado a todos, como a terra, como misteriosas estrelas a serem infinitamente interpretadas.



[Foto n. 13]



[Foto n. 14]

FOTOS - AUTORES

- Foto 1 – Pedro Lobo, 1987.
- Foto 2 – Nancy Alessio Magalhães, 1990.
- Foto 3 – Oreste Preti, 1987.
- Foto 4/5 – Nancy Alessio Magalhães, 1991.
- Foto 6 – Pedro Lobo, 1987.
- Foto 7 – Pedro Lobo, 1987.
- Foto 8 – anônimo, 1981.
- Foto 9 – Oreste Preti, 1987.
- Foto 10 – Oreste Preti, 1987.
- Foto 11 – Nancy Alessio Magalhães, 1990.
- Foto 12 – Pedro Lobo, 1987.
- Foto 13 – Pedro Lobo, 1987.
- Foto 14 – Pedro Lobo, 1987.

NOTAS

¹ Conferir NOVAES, Adauto. "Apresentação" in CARDOSO, Sérgio et alii. *Os sentidos da paixão*. Coordenação de Adauto Novaes. São Paulo: FUNARTE/Cia das Letras, 1988, p. 13. Neste artigo, tomo como base parte de minha tese de Doutorado em História Social, orientada pelo Prof. Doutor Marcos Antonio da Silva. Ver MAGALHÃES, N. A. "Marcas na terra, marcas da terra. Um estudo da terra como patrimônio cultural e histórico. Guarantã do Norte(MT) 1984-1990". São Paulo: FFLCH/USP, 1996.

² Consultar THOMPSON, Paul. *A voz do passado. História oral*. Tradução de Lólio Lourenço de Oliveira. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992, p. 235.

E também CAMARGO, Aspásia A. de e NUNES, Márcia B.M. "Como fazer uma entrevista?" em "Documento de trabalho nº 12. Projeto de Pesquisa: História social da ciência no Brasil" GEDEC-FINEP/CPDOC, julho de 1977, mimeo, p. 8. As autoras enfatizam a necessidade de o pesquisador ter uma discricção em relação às informações emitidas na entrevista, deixando claro ao entrevistado que ela não obedecerá a uma certa "orientação jornalística", a uma posse de "informações sensacionalistas".

³ BENJAMIN, Walter. *Obras Escolhidas. Vol. 1. Magia e técnica, arte e política*. Ensaios sobre literatura e história da cultura. Tradução de Sergio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1987 - "A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica. Primeira versão", p. 186-187.

⁴ Ver SILVA, Marcos A. da. *História. O prazer em ensino e pesquisa*. São Paulo: Brasiliense, 1995, p. 63, 64 e 67.

⁵ Ver BENJAMIN, Walter. *Obras Escolhidas vol. I*, op. cit., 1987, especialmente tese 14, p. 229-230: "A história é objeto de uma construção cujo lugar não é o tempo homogêneo e vazio, mas um tempo saturado de 'agoras'." *Esse agora é o agora da reconhecibilidade*. Assim como SILVA, Marcos A. da. "O puro objeto e a vontade de impotência", datiloscrito, 1987, p. 5-6, onde este autor comenta Benjamin sobre essa questão de tempos relacionais e conflitantes.

⁶ BENJAMIN, op. cit., 1987, p. 224.

⁷ Ver CHAUI, Marilena de S. "Os trabalhos da memória". Apresentação ao livro de BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade. Lembranças de velhos*. São Paulo: T. A. Queiroz/Edusp, 1987 A, p. XVII a XXXII.

⁸ Ver vários autores in MAGALHÃES, N.A. (org.) *Cadernos CEAM nº 2- Necoim-Tramas, espelhos e poderes na memória*. Brasília: CEAM/UnB, 2000.

⁹ ROCHA LIMA, Valentina da. "Problemas Metodológicos da História Oral"; Salvador/BA, mar. 1983, FGV/Centro de Pesquisa e Documentação da História Contemporânea do Brasil mimeo, p. 4.

¹⁰ Ver CHAUI, op. cit., 1987, p. XXI. Ver também ROUANET, op. cit., 1987, p. 121, onde o autor ressalta a distinção de Benjamin entre reflexo e expressão. As condições materiais não estão refletidas nos conteúdos das imagens, aí se exprimem.

¹¹ Ver AMARAL, Arcelino R. do in MAGALHÃES, N. A.; NUNES, J. W. e PAIVA CHAVES, T. M. C. *Série Em cima da terra*. Três documentários historiográficos em vídeo. Brasília: *próMemória* Vídeo e CNPq, 1987/1988. Ver, ainda, na mesma Série: MEURER, Ida e SANTOS, José P. dos (José Baiano).

¹² HORKHEIMER, Max e ADORNO, Theodor W. *Temas básicos de Sociologia* (org. - Institut für Sozialforschung, Frankfurt). Tradução de Álvaro Cabral. São Paulo: Cultrix, Edusp, 1973, cap. IX, p. 132-150. Ver também MATOS, Olgária C. F. *A escola de Frankfurt. Luzes e sombras do iluminismo*. São Paulo: Moderna, 1993, p. 58, onde a filósofa acentua que o culto da mãe virtuosa e exemplar não se tratava de mera homenagem verbal, mas de conferir-lhe uma dignidade humana.

¹³ Ver GONÇALVES FILHO, José Moura. "Olhar e memória" em NOVAES, Adauto et alii. *O olhar*. São Paulo: Cia das Letras, 1988, p. 107. Ver ainda, BENJAMIN, Walter. *Obras escolhidas. vol III. Charles Baudelaire. Um lírico no auge do capitalismo*. Tradução de José Carlos Martins Barbosa e Hemerson Alves Baptista. São Paulo: Brasiliense, 1989, p. 212-213.

¹⁴ PESSANHA, José Américo Motta. "Bachelard e Monet: o olho e a mão" in NOVAES, Adauto et alii, op. cit., 1988, p. 157.

¹⁴ BENJAMIN, op. cit., 1987, p. 205.

¹⁵ MAGALHAES, N.A. Narradores: vozes e poderes de diferentes pensadores. *Revista de Historia Oral n°5*. São Paulo, 2002.

¹⁶ A terra tem um caráter quase sagrado como elemento básico de sobrevivência para a família camponesa, é "eterna", "intemporal", numa cadeia que se estende dos antepassados à geração futura. Ver, a respeito, WORSLEY, Peter. "Economías campesinas" in SAMUEL, Raphael (ed.). *Historia popular y teoria socialista*. Tradução de Jordi Beltran. Barcelona: Crítica, 1984, p. 170-171.

¹⁷ ARENDT, Hanna. *A condição humana*. Tradução de Roberto Raposo. Rio de Janeiro: Forense-Universitaria, 1987, p. 151.

- ¹⁸ WEIL, Simone. *A condição operária e outros estudos sobre a opressão*. Tradução de Therezinha G.G. Langlada. Seleção e apresentação de Ecléa Bosi. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979, p. 347.
- ¹⁹ Ver MAGALHÃES, N.A.; NUNES, J. W. e PAIVA CHAVES, T. M. C. *Série Abrigos da memória na Vila Planalto - DF*. Dois documentários historiográficos em vídeo. Brasília: NECO-CEAM-CPCE/UnB, 1993-1995
- ²⁰ BOSI, Ecléa. "Cultura e desenraizamento". In BOSI, Alfredo (org.). *Cultura brasileira. Temas e situações*. São Paulo: Ática, 1987 B p. 26.
- ²¹ A propósito, ver trabalho de AMADO, Janaína. Eu quero ser uma pessoa: revolta camponesa e política no Brasil. *Revista Resgate*. Campinas, Centro de Memória, UNICAMP, n° 5, 1º semestre de 1993, p. 47-69.
- ²² Ver THOMPSON, E.P. *A miséria da teoria ou um planetário de erros* (uma crítica ao pensamento de Althusser). Tradução de Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Zahar, 1981, p. 185 e p. 198.
- ²³ Nos limites deste estudo, não pude considerar a temática do parentesco. Ver, entre outros, os trabalhos de MOURA, M. M. *Os herdeiros da terra*. São Paulo: Hucitec, 1978 e WOORTMANN, Ellen F. *Herdeiros, parentes e compadres*. São Paulo - Brasília: Hucitec/Edunb; 1995.
- ²⁴ Consultar GUATTARI, Félix. *As três ecologias*. Tradução de Maria Cristina F. Bittencourt. Campinas: Papyrus, 1990. ver p. 8 onde diz o autor: "É a relação da subjetividade com sua exterioridade — seja ela social, animal, vegetal, cósmica — que se encontra assim comprometida numa espécie de movimento geral de implosão e infantilização regressiva... só uma articulação ético-política a que chamo ecosofia — entre os três registros ecológicos (o do meio ambiente, o das relações sociais e da subjetividade humana) é que poderia esclarecer convenientemente tais questões." (grifo do autor)
- ²⁵ Conferir WILLIAMS, Raymond. *O campo e a cidade: na história e na literatura*. Tradução de Paulo Henriques Britto. São Paulo: Cia das Letras, 1989, p. 19.
- ²⁶ BOSI, Ecléa. *Cultura de massa e cultura popular. Leituras de Operárias*. Petrópolis: Vozes, 1986, p. 19.
- ²⁷ BOSI, Ecléa, op. cit., 1987 B, p. 39. A autora cita a expressão "resignação esperançosa" de BOSI, Alfredo. *Cultura brasileira*. In MENDES, Durmeval Trigueiro (coord.) *Filosofia da educação brasileira*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1983.
- ²⁸ Ver, a respeito, HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. Tradução de Laurent Léon Shaffter. São Paulo: Vértice, 1990, p.97 e 129.

²⁹ Ver MAGALHÃES, N. A.. Memória social de Brasília: modernidade e relações rurais e urbanas in *História. Fronteiras*. XX Simpósio Nacional da ANPUH. São Paulo: Humanitas/ FFLCH/ USP/ ANPUH, 1999, p. 1127-1139.

³⁰ MAGALHÃES, N. A.; NUNES, J.W. e SINOTI, M. Del hablado, oído, escrito al editado em documentales historiográficos in *XI Conferencia Internacional de Historia Oral. Encrucijadas de la historia: Experiencia, Memoria, Oralidad*. Volume III. Istanbul, Turkey: Department of History at Bogaziçi University, 2000, p. 1152.

RESUMO: A partir de minhas experiências de pesquisa, através das quais reconstruo e articulo memórias de camponeses- migrantes- de Guarantã do Norte - MT com a memória de um trabalhador de Brasília, discuto suas concepções da terra como processos históricos de interação cultural-natureza e de criação de raízes da condição humana. Suas concepções os evidenciam como criadores e transmissores de saberes, sempre em elaboração, como pensadores em diálogo com outros pensadores. Para eles a terra é vida, antes de ser fator de produção.

PALAVRAS-CHAVE: memória; oralidade; terra; imagem; patrimônio cultural e histórico

ABSTRACT: From my experiences of research that I reconstruct and I articulate the memories of migrant peasants of Guarantã do Norte- MT with the memory of one worker of Brasília, I discuss their conceptions of the land as a historic process of interaction between the culture and the nature and of the creation of the roots of the human condition. Their conceptions may be evident them as the creators and they always transmit the transformed knowledge's like thinkers in dialogue with others thinkers. First to them the land is the life. Only after this it's a factor of production.

KEY-WORDS: memory; orality; land; image; cultural and historical heritage.